

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	9
Introdução	11
UM O estudante céptico	21
DOIS O prestigiado e a marginalizada.....	43
TRÊS As irmãs enlutadas	63
QUATRO A festa de casamento	81
CINCO O primeiro cristão.....	107
SEIS O grande inimigo.....	129
SETE Os dois advogados	155
OITO O mestre obediente.....	179
NOVE À direita do Pai.....	203
DEZ A coragem de Maria	223

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Jon Drake e aos muitos líderes estudantis da Oxford Inter-Collegiate Christian Union, organização que graciosamente me convidou para palestrar sobre cristianismo no Oxford Town Hall, no começo de fevereiro de 2012. Naquela semana, os estudantes cristãos das faculdades da Universidade de Oxford acolheram a mim e a minha família — Kathy, minha esposa, e Michael e Sara, filho e nora — como parceiros deles no compartilhamento da fé e da vida com amigos e colegas. Toda noite, após duas horas intensas falando a estudantes em grupo e individualmente, minha família retornava (às vezes no meio da neve) pelo centro de Oxford e conversava sobre o dia em frente a uma enorme lareira do século 17. Eu sempre ia dormir com os sentimentos de impotência e de alegria ao mesmo tempo. Os cinco primeiros capítulos deste livro são baseados nessas palestras vespertinas.

Quero agradecer também a Mark Campisano, que, por vários anos e com grande sacrifício pessoal, patrocinou e manteve um café da manhã para homens de negócio no Harvard Club, em Manhattan. Participei como palestrante durante anos. A venerável sala revestida com painéis de madeira costumava ficar cheia ou mesmo superlotada e, mês após mês, ao

longo de dezoito anos, Mark e outros ao seu redor procuraram apresentar o cristianismo em um ambiente familiar aos colegas de negócios do centro da cidade. No decorrer dos anos, muitos assuntos foram tratados, mas houve um ano em que apresentei uma série de palestras sobre a pessoa e a obra de Jesus, e os últimos cinco capítulos deste livro são baseados nessas mensagens.

Por fim, esse material jamais poderia ter recebido forma escrita sem os extensos e habilidosos trabalhos do meu colega de ministério da Redeemer City to City Scott Kauffmann. Scott ama as palavras, ama a teologia e gosta de imaginar o rosto espantado das pessoas quando o maravilhamento do evangelho raia sobre elas. Isso faz dele um grande editor e parceiro neste trabalho: o ministério da Palavra por meio da literatura. Obrigado, Scott.

INTRODUÇÃO

Fui criado em uma igreja protestante histórica, mas na faculdade passei por crises espirituais e pessoais que me levaram a questionar minhas crenças mais fundamentais sobre Deus, sobre o mundo e sobre mim mesmo.

Na época, eu me aproximei de alguns cristãos engajados em estudos bíblicos em grupos pequenos. Nesses grupos, o líder não assumia o papel de professor ou instrutor; em vez disso, atuava como facilitador da leitura e da interpretação em grupo da passagem bíblica selecionada. As regras básicas eram simples, mas cruciais para a integridade do exercício. Tínhamos de dar à Bíblia o benefício da dúvida: o texto tinha de ser considerado confiável, e seus autores, competentes. Ninguém poderia impor sua interpretação à passagem do texto; tínhamos de chegar a conclusões como grupo. Buscávamos extrair as riquezas do material como comunidade, presumindo que juntos enxergaríamos muito mais do que seria possível a um indivíduo.

Antes que eu mesmo tivesse certeza da condição em que minha fé se encontrava, fui convidado a liderar um grupo. Recebi então um conjunto de estudos bíblicos intitulados *Conversations with Jesus Christ from the Gospel of John* [Conversas com Jesus Cristo a partir do Evangelho de João],

de Marilyn Kunz e Catherine Schell. Eles abordavam treze passagens do livro de João em que Jesus conversava com alguém. Os estudos ajudaram meu grupo a descobrir camadas de significado e perspectivas que nos deixaram atônitos. Ao percorrer esses relatos da vida de Jesus, comecei a sentir, mais do que nunca, que a Bíblia não era um livro comum. Sim, ela continha a estranha beleza literária do passado distante; no entanto, havia algo mais. Por meio desses estudos dos encontros com Jesus comecei a perceber uma vida e um poder inexplicáveis no texto. Esses diálogos ocorridos séculos antes eram misteriosamente relevantes e incisivos *para mim* — *hoje*. Passei a examinar as Escrituras não só pelo estímulo intelectual, mas a fim de encontrar Deus.

Apreendi que paciência e ponderação são chaves para a perspectiva. Certa ocasião, fui a uma conferência para líderes de estudos bíblicos. Jamais esquecerei um dos exercícios. A instrutora nos deu um versículo, Marcos 1.17: “Disse-lhes Jesus: Vinde a mim, e eu vos tornarei pescadores de homens”. Pediu-nos que passássemos trinta minutos estudando o versículo (extraído, como não podia deixar de ser, de um encontro com Jesus). Advertiu-nos que, após cinco ou dez minutos, pensaríamos ter visto tudo o que havia para ver, mas desafiou-nos a continuar. “Anotem pelo menos trinta coisas que encontrarem no versículo ou aprenderem com ele.” Dez minutos depois eu já tinha concluído o exercício (pelo menos foi o que pensei) e estava entediado. Mas insisti, obediente, e continuei procurando. Para minha surpresa, havia mais.

Quando retomou a aula, a instrutora pediu que consultássemos nossa lista e circulássemos a descoberta mais pungente, comovente e útil no nível pessoal. Em seguida, fez-nos uma pergunta: “Quantos aqui fizeram sua melhor descoberta nos cinco primeiros minutos? Levantem a mão”. Ninguém. “Quantos, depois de dez minutos?”. Uma ou duas mãos. “Quinze?” Mais mãos. “Vinte?” Um número maior ergueu as mãos nesse instante. “Vinte e cinco?” Muitos de nós levantaram as mãos dessa vez, sorrindo e balançando a cabeça.

Essas experiências iniciais com o estudo paciente e indutivo do texto bíblico mudaram minha vida espiritual. Descobri que, se investisse tempo e assumisse a atitude adequada de abertura e confiança, Deus falaria comigo por meio de sua Palavra. Elas também me direcionaram ao rumo certo de minha vocação, dando-me ferramentas para ajudar as pessoas a ouvir a Palavra de Deus por meio da Bíblia. Há quase quarenta anos ensino e prego a Bíblia, mas a base de cada conversa, palestra ou sermão sempre tem sido o que aprendi na faculdade sobre como estudar o texto com paciência e sondar-lhe as profundezas.

Ainda aceito a autoridade de toda a Bíblia e amo aprender e ensinar a partir dela como um todo. Mas foi nos Evangelhos que senti pela primeira vez sobre os ombros o peso da autoridade espiritual da Bíblia, especialmente nas conversas de Jesus com pessoas: com Natanael, o estudante cético, com sua mãe desconcertada na festa de casamento, com o professor de religião que o procurou de noite, com a

mulher junto ao poço, com Maria e Marta, as irmãs enluta-
das, e com muitos outros.

Acredito poder dizer que muitos dos meus próprios
encontros com Jesus, responsáveis por minha formação,
aconteceram pelo estudo de seus encontros com pessoas
nos Evangelhos.

VÁRIOS ANOS ATRÁS, escrevi um livro chamado *The reason
for God: belief in an age of skepticism*.¹ Atuando como pastor
na cidade de Nova York durante muitos anos, sempre gostei
dos argumentos dos cétricos e do papel inestimável por eles
desempenhado ao definir e esclarecer o que o cristianismo
tem de singular. Fico incomodado quando os cristãos rejeitam
essas questões com um discurso superficial ou numa atitude
de superioridade. Lembro-me com bastante clareza das dú-
vidas e proposições que apresentei àqueles grupos de estudo
bíblico da faculdade e de como me sentia grato por levarem
a sério meus questionamentos. Vejo que dedicar tempo e
esforço para responder às questões difíceis dá aos que creem
a oportunidade de aprofundar a própria fé, criando ao mesmo
tempo a possibilidade de que pessoas indecisas se abram para
a alegria do cristianismo.

Por isso fiquei muito feliz ao ser convidado para falar por
cinco noites a estudantes — cétricos, na maioria — no Oxford

¹Edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica
Deus* (São Paulo: Vida Nova, 2015).

Town Hall, em Oxford, na Inglaterra, em 2012. Combinamos que eu analisaria encontros entre determinadas pessoas e Jesus registrados no Evangelho de João. Senti que era uma boa escolha para aquele ambiente, pois os relatos desses encontros revelam os ensinamentos centrais e a personalidade de Jesus de modo particularmente atraente, como eu havia descoberto por mim mesmo tantos anos atrás. Enquanto me preparava para as palestras, ocorreu-me que os encontros vinham a calhar também por outro motivo. Em diversos deles, Jesus trata das grandes questões universais sobre o “sentido da vida”: “Para que serve o mundo? O que há de errado com ele? O que pode endireitá-lo (se é que algo é capaz disso) e como? De que maneira podemos participar do processo de consertar o mundo? E, antes de mais nada, onde deveríamos procurar as respostas para esses questionamentos?” Eram essas as grandes perguntas que todo o mundo deveria fazer e que os cétricos sinceros gostam em especial de explorar.

Todas as pessoas têm uma teoria em operação sobre a resposta a essas questões. Se tentar viver sem elas, você logo será esmagado pela falta de sentido da vida. Vivemos num tempo em que alguns insistem na ideia de que não necessitamos de nenhuma dessas respostas; deveríamos reconhecer que a vida é só um amontoado de afazeres sem sentido no grande esquema do universo e ponto-final. Enquanto viver, dizem, procure apenas se divertir tanto quanto puder e, quando morrer, você não estará mesmo por aqui para se preocupar com isso. Então por que se dar ao trabalho de tentar encontrar o sentido da vida?

No entanto, o filósofo francês Luc Ferry (que, aliás, de modo algum é cristão), em seu livro *A brief history of thought* [Uma breve história do pensamento], considera tais declarações “cruéis demais para ser sinceras”. Ou seja, quem as profere não pode crer nelas de coração. As pessoas não conseguem viver sem nenhuma esperança e propósito ou sem a convicção de que em nossa vida determinadas coisas são mais dignas do que outras. Logo, sabemos que precisamos, *sim*, ter as respostas sobre esses grandes questionamentos, como Ferry coloca, “para vivermos bem e, por conseguinte, com liberdade, capazes de experimentar alegria, generosidade e amor”.

Ferry prossegue argumentando que quase todas as nossas respostas possíveis aos grandes problemas filosóficos vêm de cinco ou seis sistemas de pensamento mais importantes. Hoje em dia, portanto, muitas das respostas mais comuns vêm de um sistema em particular. Por exemplo, você acha que em geral é uma boa ideia ser gentil com seus inimigos e estender-lhes a mão em vez de matá-los? Ferry afirma que essa ideia — de que devemos amar os inimigos — vem do cristianismo e de nenhuma outra fonte. Como veremos, há muitas outras ideias que consideramos válidas, nobres ou mesmo belas e que são provenientes exclusivamente do cristianismo.

Portanto, se quiser ter certeza de que está desenvolvendo respostas sadias e ponderadas aos questionamentos mais profundos, você precisa no mínimo se familiarizar com os ensinamentos do cristianismo. A melhor maneira de fazer isso é ver como Jesus falava de si próprio e de seus propósitos às

pessoas que encontrava e como a vida delas foi transformada pelas respostas dele aos questionamentos que tinham. Essa foi a premissa das conversas em Oxford, que se tornaram a base para os primeiros cinco capítulos deste livro.

No entanto, tive de ir adiante, pois, depois de estudar os relatos dos encontros transformadores com o Jesus que encarnou, tendo contemplado a beleza de seu caráter e de seu propósito e tendo ouvido suas respostas às grandes indagações, ainda resta outra dúvida: como *eu* posso encontrar Jesus tantos séculos depois? Posso ser transformado como aquelas testemunhas oculares?

O evangelho cristão ensina que somos salvos — transformados para sempre — não por nossos atos, nem mesmo pelo que Jesus diz a quem encontra, mas pelo que ele fez por nós. Assim, o melhor modo de descobirmos a graça e o poder transformadores de Jesus é olhando para o que ele realizou nos principais acontecimentos da sua vida: no nascimento, no sofrimento no deserto e no jardim do Getsêmani, nas últimas horas com os discípulos, na morte na cruz e na ressurreição e ascensão. É por meio de seus atos nesses momentos que Jesus conquista, em nosso lugar, uma salvação que jamais conseguiríamos conquistar. Enxergar isso pode levá-lo da familiaridade com Jesus como mestre e figura histórica a um encontro transformador de vida com ele como redentor e salvador.

Por isso, a segunda metade do livro se voltará para alguns desses acontecimentos essenciais da vida de Jesus. A base

para esses capítulos é uma série de palestras que apresentei no Harvard Club da cidade de Nova York, onde falei em cafés da manhã regulares a líderes culturais, de negócios e do governo ao longo de vários anos. Como nas palestras em Oxford, muitos dos presentes eram pessoas talentosas, com elevado grau de formação, que muito colaboraram compartilhando dúvidas e questionamentos comigo. Em ambos os conjuntos de palestras, retornei — como tenho feito em décadas — a esses textos do Evangelho em que senti pela primeira vez o caráter vivo e eficaz (Hb 4.12) das Escrituras. Como minha instrutora ensinou, cada vez que fazia isso eu descobria mais e mais nessas passagens, e cada vez mais meu entusiasmo em compartilhar o que havia aprendido aumentava.

Há ainda outra razão que explica meu desejo de escrever este livro. Quando minha neta Lucy tinha dezoito meses, era evidente que ela conseguia perceber muito mais do que conseguia expressar. Ela apontava para algo ou pegava alguma coisa e então olhava para mim em profunda frustração. Queria comunicar algo, mas era pequena demais para isso. Todas as pessoas sentem esse tipo de frustração em vários momentos ao longo da vida. Você experimenta algo profundo, mas depois desce do topo da montanha, ou deixa a sala de concerto, ou sai de onde quer que estivesse e tenta transmitir o que experimentou para alguém. Mas suas palavras não conseguem nem de leve fazer jus à experiência.

Com certeza todos os cristãos se sentem assim quando querem descrever as próprias experiências com Deus. Como

INTRODUÇÃO

professor e pregador, é meu trabalho e maior desejo ajudar as pessoas a enxergar a absoluta beleza de quem Cristo é e do que ele fez. Mas a impossibilidade de minhas palavras (talvez de quaisquer palavras) transmitirem a plenitude dessa beleza é fonte de frustração e tristeza constantes para mim. Contudo, não há nada no mundo que nos ajude mais nesse projeto difícil do que os relatos contidos nos Evangelhos a respeito dos encontros de Jesus com as pessoas.

Espero que, sendo esse seu primeiro contato com os relatos, sendo o centésimo, você seja impactado novamente pela pessoa de Cristo e por tudo que ele tem feito em nosso favor.

O ESTUDANTE CÉTICO

O primeiro encontro que quero examinar é sutil mas poderoso, e aconteceu com um estudante cético. Talvez trate do mais fundamental de todos os grandes questionamentos da vida: onde procurar as respostas para os grandes questionamentos da vida? E onde *não* procurá-las? Portanto, fala aos céticos acerca do cristianismo, bem como aos cristãos que enfrentam o ceticismo dos que não creem.

O encontro acontece logo após o chamado Prólogo, no começo do livro de João. Luc Ferry, filósofo francês, observa que esse prólogo foi um dos pontos decisivos da história do pensamento. Os gregos acreditavam que o universo obedecia a uma ordem racional e moral, e a essa “ordem da natureza” denominavam Logos. Para eles, o sentido da vida era